

Campeão regional de ralis dos Açores, Classe RC 2 N, descende de açorianos

Desenvolvimento turístico em São Miguel impressiona piloto madeirense que gostaria que nos Açores “não se plantasse betão como na Madeira”

Filipe Pires, campeão Regional de Ralis dos Açores, Classe RC2 N, descende de açorianos. A avó é natural de São Miguel, Maria Luísa Machado Drumond Pires, e o bisavô é da ilha Terceira, Major Machado Drumond. Chegou, viu e venceu. É amante do desporto automóvel e como corredor já leva mais de duas décadas mas mesmo assim sente-se um amador dentro do profissionalismo que a sua equipa tem para disputar as competições. Em jeito de brincadeira, este gestor de empresas leva tudo a sério e quando entra na disputa é para ganhar... Açores já estão na sua agenda das corridas.



Quem é Filipe Pires, campeão regional de ralis dos Açores, Classe RC 2 N?

Nasci em Janeiro de 1980 na Madeira. Cedo integrei o desporto automóvel. Aos 12 anos iniciei-me no karting. Neste momento, tenho 27 anos seguidos de corridas. Em 1998 deixei o karting e um ano depois comecei nos ralis, já tendo feito 20 anos completos nesta modalidade. Pratiquei ao longo da minha vida outras modalidades, como vólei e basquete, mas não estava para ai virado, e a minha paixão acabou por ser o desporto automóvel. Passei por mui-

tas categorias, fui dando os saltos de dois em dois anos, corri de Toyota Starlet, de Citroën Saxo, de Citroën C2, de Toyota Yaris, enfim com muitos carros. Neste momento corro com Mitsubishi Evo II.

O objectivo da nossa equipa, e o que foi sempre inculcido, é tentar no segundo ano lutar pela vitória ou dar esse passo para não queimar cartuchos. Porque saltos muito grandes na carreira nem sempre dão bons resultados, porque a própria brincadeira pode acabar mais cedo. É o que tenho feito, isto é tenho tentado sempre

ser um pouco melhor e é por isso que estou no desporto automóvel durante 27 anos continuados. Posso dizer que nos tem corrido bem.

Quando cheguei, por exemplo à Terceira, quando fiz o Rali Sical, dizia aos jornalistas, tal como se vê no meu palmarés, que em todos os campeonatos por onde passei ganhei. Os jornalistas estavam já a dizer-me que nos Açores seria diferente, como vinha de fora, mas chegado ao fim do ano, um jornalista reconheceu que afinal, com muito trabalho, tínhamos conseguido a vitória no troféu de asfalto e no campeonato no grupo N, o que nos deixa muito contente. Vir para os Açores competir foi um desafio muito grande.

Fazer um campeonato nos Açores não é fácil. São necessárias várias ligações inter-ilhas para disputar o campeonato. Tem de haver uma logística muito grande. Que o levou a fazer este desafio?

Eu venho aos Açores desde pequeno, a minha avó [Maria Luísa Machado Drumond Pires] é de São Miguel e o meu bisavô da Terceira. Sempre tive curiosidade em conhecer melhor as ilhas de onde eram os meus familiares e tentar fazer das coisas que mais gosto, ralis, nos sítios que me diz algo. Costumo dizer que metade das minhas costelas são açorianas, e, por isso, fazia todo o sentido, tentar correr

cá, o que consegui fazer o ano passado.

Tem conseguido apoios para esta aventura nas ilhas?

Recebi um primeiro projecto de apoios na Madeira para correr nos Açores. Quanto à logística, é realmente um desafio gigantesco. Podemos dizer que é vida de circo, ou seja, acaba um rali e já estamos a preparar outro rali. O carro tem de ser preparado cerca de 15 dias antes para colocar em contentar e/ou atrelar para depois descarregar na ilha seguinte. Quando chegamos o carro já está na ilha onde vamos correr, mas é preciso testar, ver se precisa de alguma reparação (...) Enfim, são desafios muito grandes mas que eu gostava de repetir.

Em relação à sua participação nos ralis, sente-se passado duas décadas um profissional, ou não?

Não, não consigo entrar pela profissionalização. Sou um amador com uma equipa que tenta ter muito profissionalismo dentro do amadorismo. Sou gestor de empresas. Estou à frente de algumas empresas de âmbito familiar e outras de outros privados. Colaboro também na Madeira com algumas instituições e clubes, e vejo os ralis como um hóbi.

